

Março 2026

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

O investidor
sustentável para um
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente, //

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// OS MERCADOS FINANCEIROS PASSARAM A OPERAR SOB UM REGIME ACENTUADO DE AVERSÃO AO RISCO, CARACTERIZADO PELA APRECIÇÃO DO DÓLAR FRENTE A MOEDAS PARES //

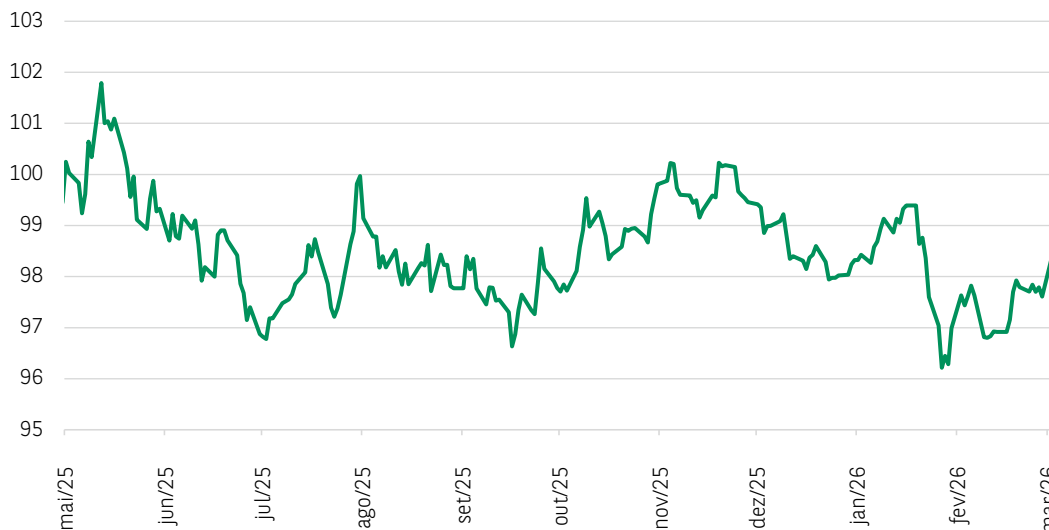
ECONOMIA INTERNACIONAL

O final de fevereiro e o início de março foram marcados por ataques coordenados conduzidos pelos Estados Unidos e por Israel contra o Irã, culminando na morte do líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei. Em resposta, o Irã promoveu ataques a diversas bases e embaixadas norte-americanas nos países do Golfo, além de anunciar a interrupção das atividades marítimas no Estreito de Ormuz — rota estratégica para o escoamento de petróleo e gás natural, responsável por aproximadamente 20% do fluxo global de petróleo. O presidente Donald Trump declarou que uma nova e ampla ofensiva contra o Irã ainda estaria por ocorrer, projetando que o conflito se estenda por um período entre quatro e cinco semanas. O objetivo central seria a neutralização da capacidade militar iraniana, com ênfase na contenção de avanços no programa de armamentos nucleares.

Desde então, os mercados financeiros passaram a operar sob um regime acentuado de aversão ao risco, caracterizado pela apreciação do dólar frente a moedas pares — após forte depreciação observada ao final de janeiro —, pela correção negativa das bolsas e por um movimento abrupto de alta nos preços do petróleo. O foco dos investidores permanece na possibilidade de disrupções estruturais e prolongadas na capacidade global de produção de petróleo. Até o momento, os efeitos de curto prazo do choque de oferta têm sido parcialmente amortecidos. A OPEC+ anunciou um aumento de produção a partir de abril, sinalizando disposição para expandir a oferta com o objetivo de conter uma escalada mais persistente dos preços do petróleo. Ademais, eventuais restrições no Estreito de Ormuz poderiam ser mitigadas pelo uso de gasodutos e rotas alternativas já existentes na região. Soma-se a esse conjunto de fatores a possibilidade de liberação de reservas estratégicas de petróleo — sobretudo por parte dos Estados Unidos — caso os preços permaneçam elevados por um período prolongado, o que contribui para limitar cenários extremos de escassez física.

Gráfico 01

Índice DXY (dólar contra cesta de moedas)



Fonte: Bloomberg - 03/2026.

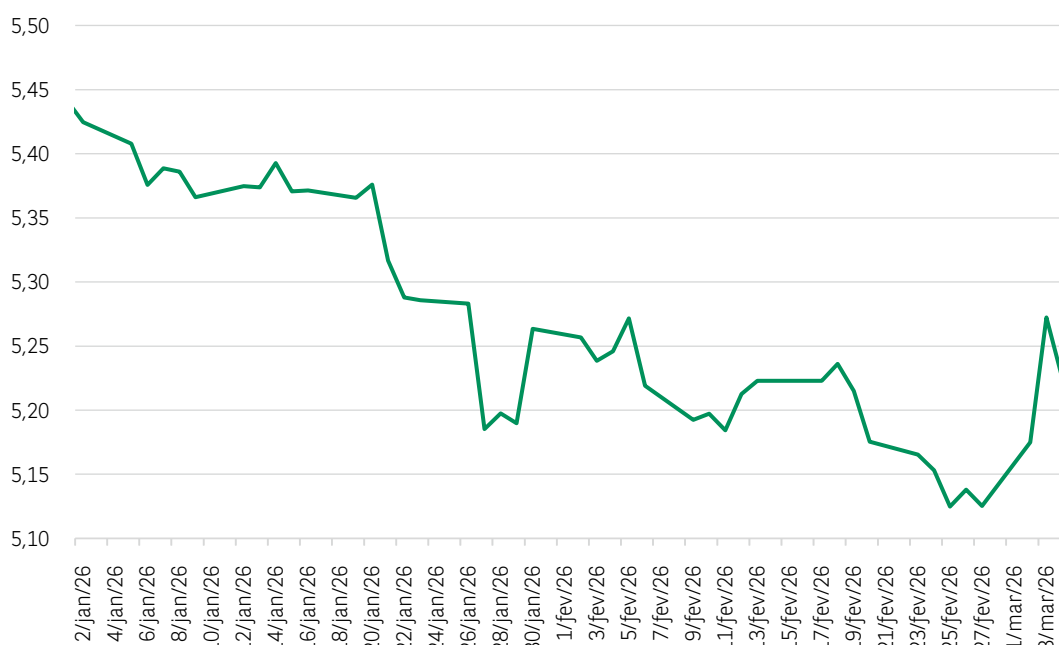
Ainda assim, mesmo diante desses amortecedores, o petróleo passou a incorporar um prêmio geopolítico relevante, elevando a complexidade do ambiente macroeconômico enfrentado pelos bancos centrais. Para economias importadoras de petróleo, o choque tende a ser mais severo, com impactos adversos sobre o câmbio e a inflação. Para países emergentes exportadores de commodities — em especial de petróleo — como o Brasil, os efeitos são ambíguos: por um lado, há melhora nos termos de troca e nas receitas externas; por outro, observa-se maior volatilidade cambial e pressão inflacionária.

// **COMO AVALIAMOS QUE O CENÁRIO MACROECONÔMICO DE FUNDO NÃO SE ALTEROU DE FORMA SUBSTANCIAL, ENTENDEMOS QUE O BANCO CENTRAL PODERIA, EM PRINCÍPIO, SEGUIR SEU PLANO PREVIAMENTE SINALIZADO** //

ECONOMIA BRASILEIRA

De fato, esse episódio levou o câmbio dólar/real a se afastar das mínimas observadas próximas a R\$ 5,13, alcançando níveis acima de R\$ 5,30 em termos intradiários no ápice do estresse, antes de retornar a patamares mais benignos. Apesar dessa volatilidade, o câmbio nos níveis atuais — em torno de R\$ 5,20–5,25 — ainda contribui para a desaceleração da inflação. Em contrapartida, um choque persistente nos preços do petróleo teria potencial relevante de pressionar a inflação doméstica.

Gráfico 02
Taxa de Câmbio - USDBRL



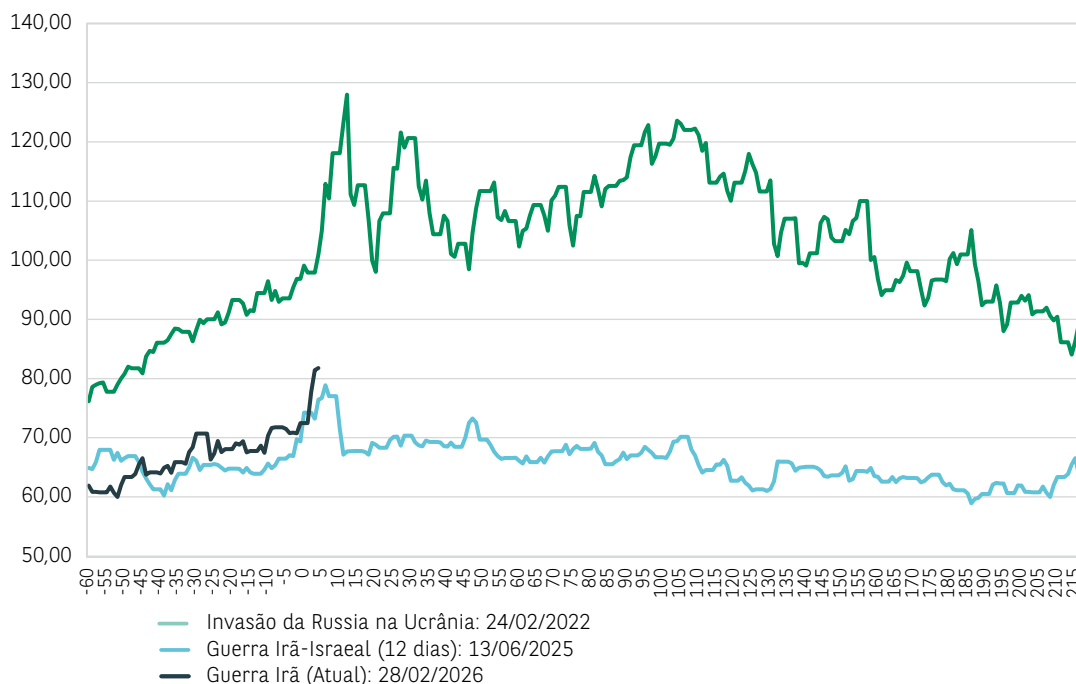
Fonte: Bloomberg - 03/2026.

Os impactos diretos se manifestariam sobretudo nos preços da gasolina, do gás e do diesel, mas também poderiam emergir efeitos de segunda ordem, decorrentes do encarecimento dos combustíveis e de seu repasse para outros bens e serviços. Embora a magnitude exata desses efeitos seja incerta — dependendo de decisões de reajuste da Petrobras e do repasse ao consumidor final — estimamos que uma elevação permanente do preço do Brent para US\$ 80 por barril poderia elevar nossa projeção de inflação para este ano de 3,9% para aproximadamente 4,2%.

Ainda assim, tratamos esse cenário como um risco adverso, mantendo como base um cenário mais benigno. A própria curva futura do petróleo embute a expectativa de acomodação dos preços ao longo do ano. Uma revisão mais significativa desse quadro dependeria de danos duradouros à capacidade de produção de petróleo e de uma elevação estrutural de seus preços.

Gráfico 03

Evolução do Brent (USD/bbl) em diferentes crises



Fonte: Bloomberg - 03/2026.

No que diz respeito à política monetária, ainda é prematuro antecipar a resposta do Banco Central a esse choque. Antes do estresse associado ao conflito, projetávamos um corte de 50 pontos-base (bps) na taxa de juros na próxima reunião de março. Como avaliamos que o cenário macroeconômico de fundo não se alterou de forma substancial, entendemos que o Banco Central poderia, em princípio, seguir seu plano previamente sinalizado. Em geral, autoridades monetárias buscam mitigar os efeitos de segunda ordem de choques de oferta dessa natureza. No caso brasileiro, com a taxa real de juros já em território significativamente restritivo, não haveria, a princípio, necessidade de aperto monetário adicional. Contudo, em ambientes de elevada incerteza, é comum que os bancos centrais adotem uma postura mais cautelosa, o que poderia levá-los a optar por um corte de juros de menor magnitude.

	2025	2026 Projeção	Viés	2027 Projeção	Viés
PIB	2,30%	2,00%	=	2,00%	=
IPCA	4,26%	3,90%	↑	3,80%	=
Selic	15,00%	11,75%	↑	11,00%	=
R\$/US\$	5,47	5,4	↓	5,4	=
Primário (%GDP)	-0,50%	-0,50%	↓	-0,30%	=

Elaboração: BNPPAM Brasil; Atualizado em Fevereiro/2026

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// ... A PREOCUPAÇÃO NÃO É COM O CHOQUE EM SI, MAS COM SUA PERSISTÊNCIA E CAPACIDADE DE DESANCORAR EXPECTATIVAS. //

O que poderia, de novo, postergar a queda da Selic?

No mês passado comentamos que um dos riscos para um ciclo menos intenso de cortes aqui seria a possibilidade de o Federal Reserve Bank (“Fed”) entregar menos queda de juros do que o mercado precificava. Esse fator permanece válido. Mas a novidade agora é o conflito no Oriente Médio e a disparada do preço do petróleo, que adicionam uma camada adicional de incerteza ao cenário. Trata-se essencialmente de um choque de oferta: restrições ao escoamento da produção — sobretudo no estratégico Estreito de Ormuz, por onde passam cerca de 20% da produção global — somadas ao risco de danos a instalações de extração criam pressão altista sobre o petróleo. E, dado o peso desse insumo na economia mundial, há um potencial inflacionário relevante no curto prazo.

O papel do Banco Central (“BC”) em choques desse tipo não é reagir aos efeitos primários, que costumam ser temporários, mas impedir que a pressão inicial se espalhe pela economia e contamine expectativas de médio prazo. Em outras palavras, a preocupação não é com o choque em si, mas com sua persistência e capacidade de desancorar expectativas. Por isso, a informação realmente crucial será a duração do conflito e o tempo de estresse tanto no preço do petróleo quanto no câmbio. Dito isso, não estamos falando de contexto para alta de juros — estamos muito longe disso. O que pode acontecer, na margem, é o BC optar por um início mais conservador do ciclo de cortes, talvez com 25 bps, como forma de ganhar tempo. É uma possibilidade. Ainda assim, entendemos que, mesmo com 50 bps, a política monetária seguiria suficientemente contracionista.

Ao mesmo tempo, nada muda no quadro corrente de enfraquecimento da atividade, com sinais cada vez mais claros de consumo mais contido, refletindo o efeito defasado do aperto monetário. Vale lembrar que o Banco Central deu um forward guidance explícito de início dos cortes em março — apenas não sinalizou a magnitude. E há um ponto adicional: o então diretor Galípolo, hoje presidente, já foi voto dissidente na gestão Roberto Campos por discordar de quebra do sinalizado à época, mostrando que ele dá bastante peso à coerência e ao protocolo na condução da política monetária.

Em suma, ainda há tempo até o Copom. Nossa visão é que veremos alguma acomodação nos preços atualmente estressados do petróleo e do real, o que abre espaço para que o BC cumpra o que antecipou e inicie o ciclo com corte de 50 bps. O risco geopolítico existe, mas o cenário básico segue sendo de flexibilização.

Em termos de estratégia, como discutimos na carta passada, iniciamos um ajuste no mix do portfólio, reduzindo pré-fixados e aumentando a exposição em NTN-Bs. O movimento já fazia sentido do ponto de vista do estágio do ciclo — com a proximidade dos cortes, o juro real passa a ser o elemento que deveria cair daqui para frente —, mas agora ganha um argumento adicional: a proteção contra pressões inflacionárias temporárias decorrentes da tensão geopolítica. Seguimos, portanto, com construção gradual dessa rotação, mantendo disciplina e leitura criteriosa dos riscos de curto prazo.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// **SETORIALMENTE, SEGUIMOS PRIVILEGIANDO CRÉDITO BANCÁRIO, REFLEXO DA REDUÇÃO DO DIFERENCIAL DE PRÊMIO ENTRE ATIVOS BANCÁRIOS E CORPORATIVOS E DA MENOR OFERTA DE EMISSÕES CORPORATIVAS.** //

Após um mês de captação recorde em janeiro observamos uma desaceleração no mês de fevereiro, com entrada líquida de R\$ 6,4 bilhões nos fundos de crédito CDI e R\$ 6,5 bilhões nos fundos de infraestrutura. O mercado primário continuou com volume fraco em fevereiro, apresentando o menor volume dos últimos dois anos com apenas R\$ 36 bilhões em emissões (55% distribuídos). Apesar desse volume frágil notamos um aumento no pipeline de emissões em andamento, que passou de R\$ 79,4 bilhões para R\$ 93,3 bilhões. O mercado secundário acompanhou a desaceleração do fluxo de captação com um volume negociado em queda, atingindo R\$ 90,2 bilhões.

Nos papéis não isentos atrelados ao CDI, observamos uma abertura de 12 bps para os títulos high grade, enquanto ativos mais high yield registraram abertura de cerca de 21 bps, consequência do aumento dos eventos de crédito. No mercado isento atrelado ao IPCA, após o fechamento agressivo do mês de janeiro, observamos uma alta entre a escassez de emissões primárias, combinada à necessidade de enquadramento dos fundos, resultou em fechamento de até 45 bps nos ativos de maior qualidade.

Nas carteiras de crédito privado com foco em ativos indexados ao CDI, mantemos alocação com duration alvo de até 2 anos, de forma seletiva e com maior atuação no mercado bilateral. Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, reflexo da redução do diferencial de prêmio entre ativos bancários e corporativos e da menor oferta de emissões corporativas. Continuamos cautelosos, dado que os spreads seguem em níveis historicamente baixos apesar do ambiente macro mais volátil, da taxa de juros em patamar restritivo e do aumento da inadimplência.

Na estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA permanece próxima de 95%. A duration média da carteira segue acima do IMA-B5, devido à maior exposição a títulos intermediários (2026-2030). Considerando o nível atrativo da taxa de juros real, entendemos que ativos indexados à inflação com duration intermediária oferecem uma boa oportunidade de diversificação.

RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// AINDA HÁ INCERTEZAS QUE PODEM MOLDAR A TRAJETÓRIA DOS MERCADOS, PRINCIPALMENTE DO MERCADO AMERICANO. //

Fevereiro trouxe um viés positivo para a maior parte dos mercados, ainda que alguns setores vulneráveis à substituição pela inteligência artificial tenham registrado queda. O ETF IGV US, que reúne as maiores empresas de software da América do Norte, recuou 9,68 % e o índice NYFANG, que acompanha as principais companhias de tecnologia dos EUA, sofreu desvalorização de 5,74 %. Como reflexo, o S&P 500 terminou o mês em baixa de 0,87%. Nas bolsas europeias a dinâmica foi oposta. O Euro Stoxx 50 avançou 3,20 %, puxando o MSCI World a fechar o período com alta de 0,64 %.

Nos mercados emergentes a força continuou. O MSCI Emerging Markets subiu 5,41 %, liderado pela Coreia do Sul – impulsionada pela produção de chips – e por Tailândia, África do Sul e Taiwan. Essa performance reflete a migração de recursos dos EUA para regiões que oferecem maior diversificação e menor percepção de risco.

Fevereiro foi um mês de alta geral nos preços das commodities. O petróleo fechou em alta de 4,56%, reflexo do agravamento das tensões entre Estados Unidos e Irã, que culminaram no ataque de 28/02. O ouro (+23,03%) e a prata (+18,80%) se beneficiaram do dólar mais fraco observado nos mercados emergentes, enquanto o minério de ferro recuou 5,23%.

A Bolsa brasileira acompanhou o ritmo otimista dos emergentes. O Ibovespa avançou 4,09% e o índice Small Caps registrou alta de 1,88%. O movimento foi sustentado por um fluxo estrangeiro superior a R\$ 16 bi em fevereiro – totalizando R\$ 42 bi no acumulado do ano – grande parte proveniente de veículos passivos, em especial o ETF EWZ, que captou mais de R\$ 12 bi. Setorialmente, os maiores destaques foram energia elétrica, saneamento, as empresas de commodities e o setor financeiro, com ênfase nas companhias de maior peso no Ibovespa.

Ainda há incertezas que podem moldar a trajetória dos mercados, principalmente do mercado americano. A rápida expansão da inteligência artificial levanta dúvidas sobre quem serão os vencedores e perdedores de longo prazo e sobre a capacidade das empresas de converter esses investimentos em retorno sobre o capital investido (ROIC) superior ao custo de capital, sobretudo diante do elevado CAPEX de curto prazo que muitas companhias estão realizando. Embora alguns múltiplos (por exemplo, PEG) pareçam atrativos, o risco de sobre avaliação persiste até que haja comprovação de resultados consistentes das novas tecnologias.

A volatilidade nas commodities permanece elevada. O petróleo continua sensível a choques geopolíticos – como a disputa entre EUA e Irã – enquanto o minério de ferro e o cobre mantêm incertezas relacionadas ao ritmo de retomada da atividade chinesa e à demanda por energia renovável.

O fluxo de capital estrangeiro manteve-se favorável aos emergentes, reforçando a demanda por ativos locais e contribuindo para a performance do Ibovespa, sobretudo nas large caps. Esse comportamento reflete uma diversificação global de portfólios que tem migrado recursos do mercado americano para opções consideradas menos suscetíveis a rupturas tecnológicas. Nesse contexto, ganhou destaque o conceito HALO (Hard Assets and Low Obsolescence) – ativos intensivos em capital e de baixa taxa de obsolescência – como distribuição de energia, concessões rodoviárias, saneamento e mineração.

No Brasil, os large caps se beneficiaram da combinação de juros internos ainda relativamente altos (mas em tendência de queda) e de um real mais forte. Bancos e construção civil mostraram resiliência; as empresas com receitas em moeda estrangeira sofreram desgaste devido à valorização do real, exceção feita às que detêm maior peso no índice, cujas performances foram reforçadas pelos aportes de capital estrangeiro em um cenário de dólar mais fraco.

No início do ano, duas discussões foram centrais para o nosso posicionamento. A primeira foi a expectativa de que o BC dê início a um ciclo de redução da taxa Selic, o que deve melhorar ainda mais o ambiente de crédito e apoiar investimentos de expansão. A segunda discussão foi a continuidade do fluxo de capital estrangeiro, fundamental para sustentar a liquidez e a valorização dos ativos locais.

Olhando adiante, identificamos alguns fatores que podem gerar volatilidade relevante nos próximos ciclos. A amplitude do ciclo de juros será determinante: um ciclo mais longo e profundo tende a favorecer a bolsa, enquanto cortes breves podem limitar o impulso de valorização. Além disso, um cenário de atividade econômica mais robusta nos Estados Unidos pode conter a desvalorização do dólar, reduzindo o benefício cambial que tem ajudado os ativos brasileiros. Por fim, as eleições de meio de mandato nos EUA podem mudar o panorama político, atenuando a influência da atual administração e, potencialmente, diminuindo alguns riscos geopolíticos que têm pressionado os mercados globais.

Em nossa visão, 2026 não será um ano de tendência marcada, mas sim de retorno à média. Assim, esperamos observar maior dispersão de desempenho entre os ativos, com alguns setores exibindo maior volatilidade e outros apresentando estabilidade. Essa perspectiva reforça a importância de mantermos uma alocação equilibrada, privilegiando empresas de alta qualidade que possuam fundamentos sólidos, governança robusta e geração de caixa sustentável. Dentro desse escopo, não pretendemos aplicar filtros setoriais rígidos; ao contrário, selecionaremos ativos que combinem essas características com avaliações relativamente atrativas.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

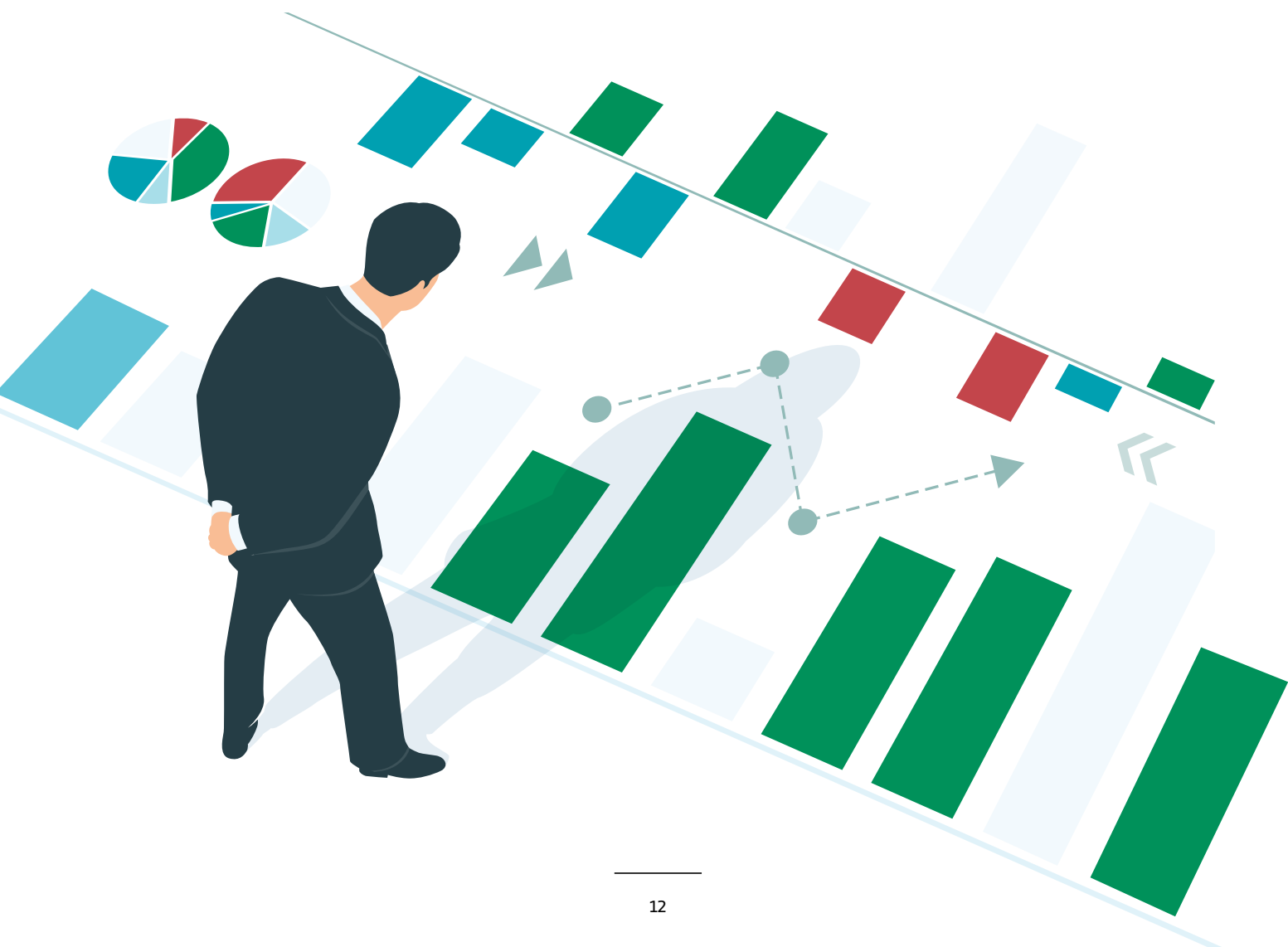
// ...A NARRATIVA DE ALTA TECNOLOGIA, QUE HAVIA SUSTENTADO OS GANHOS DE INÍCIO DE ANO, SOFREU UM DESGASTE SIGNIFICATIVO. //

No início de fevereiro o panorama internacional ainda estava sob a influência de um fluxo de capital que favorecia os emergentes, com o dólar em tendência de queda e o apetite por risco relativamente elevado. Essa dinâmica foi abruptamente interrompida nos últimos dias, quando a escalada do conflito entre Irã, Israel e Estados Unidos reativou o medo de disrupções na oferta energética. No outro aspecto, a narrativa de alta tecnologia, que havia sustentado os ganhos de início de ano, sofreu um desgaste significativo. O entusiasmo em torno da inteligência artificial revelou-se volátil, com os títulos de semicondutores, software e mega-caps registrando quedas expressivas enquanto investidores passaram a questionar a capacidade de monetização e o volume de investimento necessário. Assim, o mercado de crédito nos EUA mostrou os primeiros sinais de desgaste e o rendimento dos Treasuries de 10 anos recuou abaixo de 4 %. O S&P 500 terminou o mês praticamente estável, mas escondeu oscilações marcantes que refletiram a nova cautela, enquanto o Core PCE manteve-se acima de 3% e o Fed manteve a postura de juros mais altos por um período prolongado.

No Brasil, o Copom não alterou a taxa Selic, mas sinalizou o início de um ciclo de flexibilização a partir de março. O cenário interno ficou ainda mais sensível ao choque externo: o aumento do preço do petróleo elevou as projeções de inflação. O IPCA-15 de fevereiro surpreendeu negativamente, impulsionado por itens voláteis, embora o núcleo tenha permanecido relativamente contido. O PIB do quarto trimestre registrou crescimento marginal, com investimento em queda e consumo das famílias estagnado, sinalizando demanda doméstica fraca. Por outro lado, o Caged de janeiro superou as expectativas, indicando alguma resiliência no mercado formal de trabalho.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Fevereiro	1,00%	0,99%	1,18%	1,79%	1,22%	-1,54%	4,09%	4,11%	1,88%
2026	2,17%	2,97%	2,50%	2,81%	2,44%	-6,41%	17,17%	17,30%	12,22%
12 meses	14,67%	17,08%	14,83%	13,52%	11,20%	-10,88%	49,86%	49,23%	39,41%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Março/2026. CP 05.2026

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

O investidor sustentável para um mundo em mudança